

Para governo, analistas exageram

Até por precaução, o governo minimiza o temor dos profissionais de mercado em relação à dívida pública. O chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, diz que, apesar de elevada, a dívida pública é perfeitamente administrável. "Há exageros na avaliação do mercado. A relação entre a dívida pública e o PIB aumentou nos últimos meses por questões estatísticas, devido ao baixo crescimento da economia. A tendência é de que tal relação comece a decrescer nos próximos meses de forma consistente, puxada pela queda nos juros", destaca. A expectativa do BC é de que, com um crescimento econômico médio de 4,5% ao ano, a relação entre a dívida e o PIB caia a 40% até 2011.

O coordenador-geral da Dívida Pública do Tesouro Nacional,

Jefferson Rudy 21.5.03



**PAULO VALLE, DO TESOUREIRO:
TAMANHO DA DÍVIDA NÃO PREOCUPA**

Paulo Valle, afirma que o tamanho da dívida hoje já não é um fator de preocupação, pois os débitos pararam de crescer na proporção que se viu nos últimos oito anos. O importante, ressalta, é analisar o perfil da dívida, que, segundo ele, vem melhorando desde o início do ano.

Em janeiro, dos títulos em poder do mercado, apenas 1% tinha taxas de juros prefixadas, que não causam prejuízos ao governo em casos de choques internos ou externos. Hoje, esses papéis correspondem a 9% dos R\$ 707 bilhões e a meta é fechar o ano com 13%.

O governo, acrescenta Sérgio Goldenstein, chefe do Departamento de Mercado Aberto do BC, também está avan-

çando a passos largos na diminuição da parcela da dívida interna corrigida pelo dólar. De janeiro a outubro, foram resgatados US\$ 13,2 bilhões em papéis. O resultado disso, foi que a participação dos títulos indexados à moeda americana caiu de 37% para 24,5%.

À mercê do mercado

Esse número, porém, sobe para 50%, quando se olha a dívida líquida do setor público como um todo. Nela se insere o endividamento externo, de quase US\$ 100 bilhões. "Por isso, o efeito de qualquer subida do dólar é brutal para a dívida", explica Alexandre Póvoa, economista e coordenador da Comissão de Economia e Mercado da Associação e do Sindicato dos Bancos do Rio.

Simão Davi Silber, professor de Economia Internacional da Universidade de São Paulo, chama a atenção para o fato de que mais de 30% da dívida vencerá no prazo de um ano. "É um período curto demais, que coloca o governo à mercê do mercado e o obriga a pagar juros tão elevados", diz Silber.

Na sua opinião, o caminho mais viável para que o governo retome o controle da dívida pública é o crescimento sustentado da economia e a queda na taxa real de juros. (VN)